



Jornal

Psicologia em Foco[®]

ISSN 2178-9096 | MARINGÁ | NOVEMBRO/DEZEMBRO DE 2013 E JANEIRO/2014 | Nº 18 | www.grupopsicologiaemfoco.com.br

ENTREVISTA

JPFP conversou com a psicanalista Marta Dalla Torre **PAG 04**

PSICOLOGIA EM DEBATE

- A consciência de si e o altruísmo **PAG 05**
- Ciúme Patológico **PAG 06**
- Adolescência **PAG 06**
- As contingências verbais envolvidas no rumor na fofoca **PAG 07**

CONEXÕES

- Humanização do parto e do nascimento **PAG 09**
- Análise do filme "Um novo despertar" com Mel Gibson **PAG 10**

RODA DE PSICANÁLISE



Vida e morte em Psicanálise: Eros e Tânatos **PAG 13**

Oficina do Saber 2013

04 | 12
QUARTA

OFICINA CLÍNICA ABERTA: com Juana Ester Kogan e Rosana Parré

supervisão de um caso

19h30 - Inscrições
20h - 21:30h - estudo de caso

INSCRIÇÕES POR TELEFONE OU PELO SITE
WWW.GRUPOPSICOLOGIAEMFOCO.COM.BR

CONVITES
RODRIGO CORRÊA - 9805 8838 (UEM)
RAQUEL ABECHÉ - 9991 3139 (CESUMAR)
RENATA BORIN - 9840 7636 (UNINGÁ)
VINICIUS ROMAGNOLI - 9985 9839 (PROFISSIONAIS)

realização: Grupo Psicologia em Foco

apoio: JPFP

INVESTIMENTO
ANTECIPADO - R\$ 20,00 (ESTUDANTES)
R\$ 30,00 (PROFISSIONAIS)

NA DATA DO EVENTO - R\$ 30,00 (ESTUDANTES)
R\$ 40,00 (PROFISSIONAIS)

CONVITES LIMITADOS

*Av. Presidente de Moraes, 633 - Zona 07 - Maringá - PR

SESSÃO ESPECIAL

- Esperanças que permeiam o final do ano **PAG 11**
- Entenda o sucesso da série Sessão de Terapia **PAG 11**

ACONTECEU

- Oficina do saber debateu Sartre e o acaso em nossas vidas **PAG 13**

DICA DE FILME



O Assassino de Jesse James pelo covarde Robert Ford **PAG 14**

DICA DE LEITURA

O Suplício de Papai Noel de Lévi-Strauss **PAG 14**

AGENDA

Os melhores cursos para 2014 **PAGS 15 e 16**



|44| 3028-3222 Filial On line

|44| 4009-8981 Rua Néo Alves Martins, 2851

|44| 3023-8981 Av. Duque de Caxias, 718

LOCAÇÃO | VENDA | LANÇAMENTO

IMOBILIÁRIA
SILVIO WATA
Uma decisão de confiança!

www.silvioiwata.com.br

EXPEDIENTE


Jornal
Psicologia em Foco®

Coordenador do Projeto:
Vinícius Romagnolli R. Gomes | CRP 08/16521

Diretor Financeiro:
Álvaro Romagnolli R. Gomes

Diretor Comercial & Marketing:
Oliver Cury

Redação: Eduardo Chierrito; Luiz Antonio Trentinalha; Mayara Coutinho; Raquel Abeche; Rodrigo Corrêa; Roseane Praciz.

Revisão: Ariana Krause; Giovanna Bertoni; Jessica Demiti.

Divulgação: Paulo Henrique Rigon e Maria Renata Borin

Impressão:
GRAFINORTE - APUCARANA

Arte & Diagramação:
EMPÓRIO PUBLICIDADES
 Eliezer Saragô Marques (43) 3424 3622

Tiragem: 3000 exemplares

Quer publicar seu artigo com a possibilidade de ampliação de seu currículo, e realizar a divulgação de sua clínica, empresa ou evento?

ENTRE EM CONTATO CONOSCO!

Divulgue seu artigo, clínica, empresa ou evento.
 contato@grupopsicologiaemfoco.com.br
 www.grupopsicologiaemfoco.com.br
 |44| 9985-9839 - Vinícius Romagnolli
 |44| 9874-5577 - Oliver Cury



Grupo Psicologia em Foco


EDITORIAL

VINÍCIUS ROMAGNOLLI R. GOMES é psicólogo (CRP 08/16521) e coordenador do Jornal Psicologia em Foco.

ANO NOVO, DE NOVO?

Caro Leitor,

Em meio a rotina, eis que me dou conta que as ruas e os lugares da cidade estão enfeitados com árvores de natal; ao ir ao supermercado me deparo com ospanetones nas prateleiras e constato a partir desses indícios que o final do ano chegou novamente.

De um modo geral sempre dizemos ou ouvimos os outros dizerem “como esse ano voou” ou ainda “o tempo tem passado cada vez mais rápido”. Mas porque será que temos essa sensação recorrente em especial no final de ano? Há quem diga que vivemos em um período de “aceleração”; marcado pelo excesso de estímulos e informações que nos fazem ter a impressão de que o tempo passa mais rápido. É como se não fossemos capazes de metabolizar e digerir tantas coisas que acontecem em nossas vidas, e quando nos damos conta, eis que acabou o dia, a semana, o mês, o ano...

Sem querer fazer apologia à terapia, mas observei que a hora de cinquenta minutos que dedico semanalmente a ela é o único momento da semana no qual desacelero, no qual não ligo para

o tempo (a ponto de ter que ser lembrado toda vez pela minha terapeuta do término da sessão). Diante disso me peguei pensando e convido você leitor a pensar; será que se tivéssemos mais momentos assim conseguiríamos desacelerar o tempo? E mais; quanto tempo temos nos dedicado a contemplar e apreciar as coisas corriqueiras e banais da vida?

Quando faço esse exercício, procuro dar o melhor de mim em tudo aquilo que faço, busco prestar o máximo de atenção em uma conversa, desfrutar de uma caminhada, um filme ou um livro. E nesse ponto, vejo que o ano como soma de todos esses momentos, valeu a pena!

Cada edição do JPF e cada evento da OFICINA DO SABER ao longo desse ano foram realizados com muito carinho e dedicação. Isso não nos impede de projetar melhorias e mudanças para 2014 (que já estão sendo preparadas), mas nos faz olhar para 2013 com uma sensação boa de “dever cumprido”.

Gostaria de agradecer a todos vocês, leitores e parceiros, bem como à equipe do Grupo Psicologia em Foco pelo ano de 2013 e desejar um ótimo natal e ano novo. Nos vemos em 2014, quando retomaremos nossas atividades, de novo.


QUEM SOMOS NÓS

Oliver Cury | Diretor Comercial & Marketing

O Jornal Psicologia em Foco (ISSN 2178-9096) surgiu no ano de 2010, nesta edição o Grupo Psicologia em Foco comemora seus três anos de vida, o projeto tem como proposta viabilizar um espaço para a produção científica de acadêmicos e profissionais da Psicologia, bem como para promoção e divulgação dos importantes acontecimentos e eventos relacionados à Psicologia, tais como palestras, cursos, debates, grupos de estudos, entre outros. Atualmente o Jornal Psicologia em Foco tem uma tiragem de 3000 exemplares e periodicidade bimestral. Além do material impresso, o conteúdo do Jornal tem uma versão eletrônica em nosso site, www.grupopsicologiaemfoco.com.br e possui acesso a artigos referentes às edições anteriores do Jornal.

■ Nossa Missão:

PROMOVER A TROCA DE SABERES EM UM ESPAÇO INOVADOR

■ Nossos Valores:

Comprometimento, Brilho nos Olhos, Espírito de Equipe, Qualidade, Pró-Atividade e Foco no Cliente.

CARTA DO LEITOR

O meu primeiro contato com o JPF foi uma surpresa muito agradável. Melhor ainda quando pude conhecer algumas pessoas de sua equipe. O jornal prima pela qualidade de suas matérias. Pois tem um olhar criativo e original sobre os temas abordados, talvez por isso seja bimestral, para poder manter a excelência, que é seu objetivo maior. Admiro a audácia e o profissionalismo com que conseguem colocar a Psicologia para dialogar com outras áreas do conhecimento, tais como: a filosofia, a sociologia e as artes. Enfim, um espaço para enriquecer a nossa reflexão, ampliar o nosso olhar sobre o homem e seus dilemas atuais. Um espaço democrático e instigador! Parabéns a toda equipe.

Neila Paula da Silva é Psicóloga na Unicesumar (CRP 08/10172) e mestre em História da Educação.

BEATRIZ SINGH GALLES

PSICÓLOGA | CRP: 08/17479

Rua Santos Dumont, 3472
 Ed. Coml. Bandeirantes - Sala 401
 Centro - Maringá - PR.
 Tel.: (44) 326 2 76 73 / 9 912 0951
 bsgpsi@gmail.com

Parceiros
 deste jornal
 ganham...

FALE COM LONDRINA
 info@webee.com.br
 43 3323-1371
 43 3024-1371

50%
 de desconto
webee
 e-marketing

... para
 desenvolver
 o site de sua
 empresa

www.webee.com.br
 ATENDIMENTO MARINGÁ
 oliver@webee.com.br
 44 3233-4124
 44 9874-5577



Esta época de fim de ano é caracterizada por conclusões e finalizações. É quando avaliamos os resultados colhidos após um ano de trabalho. Neste processo, as expectativas para o próximo ano começam a ser criadas. No CRP, o nosso fim de ano é um começo. É o começo da gestão “É tempo de diálogo” eleita no último processo eleitoral e empossada em 27 de setembro.

Quando se chega a uma casa nova, abrem-se as janelas para deixar o ar entrar e circular os novos ventos. Esses primeiros meses de gestão são caracterizados pelo reconhecimento do terreno e planejamento dos próximos três anos. Nosso principal desafio é fazer o ar circular e manter-se fresco durante

todo o tempo que ocuparemos esta casa.

Nossa principal motivação é fazer o psicólogo sentir-se representado e acolhido por esta instituição. Queremos que, na casa dos psicólogos, todos se sintam a vontade para participar, propor, construir e quando for o caso, discordar. A Psicologia se fortalece se circulam as ideias, as pessoas e os conhecimentos.

É com muito prazer que vamos utilizar o Jornal Psicologia em Foco como um canal de comunicação. Nosso principal caminho será o de promover a orientação, que é uma atribuição do CRP tal qual a fiscalização e que deve ser bem explorada.

Entendemos orientação de uma ma-

neira positiva, na qual apresentaremos problemáticas atuais, que fazem parte do cotidiano dos psicólogos de maneira propositiva. Nosso intuito é fazer com que os psicólogos se reconheçam nas ações do seu Conselho profissional. Faz parte desse desafio conhecer a rotina, as dificuldades e as potencialidades dos profissionais.

Aproveitamos para nos dirigir especialmente aos psicólogos do interior do Paraná, representados por Maringá nesta publicação: olhem para o CRP-PR como sua casa, para que possamos, a partir deste e outros veículos, construir uma comunicação sólida e interativa.



PENSO ASSIM

Thais de Ferrand | Escritora, cronista e contadora de história

A AVENIDA DA CIDADE

Há noites em que as árvores se curvam para cobrir a rua deixando tudo mais escuro, em estilo hitchcockiano. Nesse tom, caminhávamos em direção ao vento, remoendo certos pensamentos. Há noites em que evitamos olhar para as estrelas, porque a cidade nos obriga a manter os pés fincados no chão.

No caminho, passando por uma banca de revistas, uma senhora simpática escolhia seus livros de palavras cruzadas. Era possível perceber seu perfume de café de fim de tarde de cidade pequena. Era simples sentir esse aroma na cidade que nunca dorme. Verdade é que, quando a gente alinha olfato e sensibilidade, certas sutilezas afloram sem muito esforço.

Andando mais um pouco, os pés estacionaram diante da grande avenida da cidade. Ali, algo de majestoso se revela a todo o tempo, mesmo numa noite de poucas estrelas e muito chão. Os prédios infinitos dão a impressão de que o fim da linha não existe, o que assusta qualquer coração singelo, sob a luz das torres gigantes.

Ruelas, ruazinhas, travessas e alamedas – todas gostariam de ser uma larga avenida, se pudessem falar. E ali, paralisada, buscando abrigo na grande avenida para afagar a sensação de asfixia urbana, era possível rir do concreto ao constatar que chato mesmo deve ser um beco sem saída. A avenida, não. Ela sabe que todos precisarão passar por ela, querendo ou não, em

algum momento: para uma pausa, um intervalo ou uma vida inteira.

É difícil ser uma pessoa avenida em uma cidade com pessoas ruas por todos os lados. Ou ser uma rua massacrada por gigantescas avenidas, convivendo com gente que se acha avenida, mas não passa de uma rua de quinta.

De repente, de tanto avistar as alturas, perdendo alguma resposta para a atordoante quantidade de luzes da avenida, veio uma estrela isolada no céu, em meio à noite nebulosa. Por hoje, isso basta: enxergar uma estrela confundida (e confusa) em meio às luzes da maior avenida da cidade, enxergando-se singelo na aspereza do cotidiano da Pauliceia.

“
*Ruelas,
ruazinhas,
travessas e
alamedas –
todas gostariam
de ser uma
larga avenida,
se pudessem
falar.*

PSICOLOGIA

Veruska Betioli de Carvalho

CRP 08/07009-1

Av. Amazonas, 118 | Mandaguari - PR | Fone: (44) 3233-3176



Marcelo M. Khoury

CRP 08/16593

Fone: (44) 9124.2813

Av. São Paulo, 1061 - Condomínio Aspen Trade Center - Sala 1321
e-mail mek1310@hotmail.com



MARTA DALLA TORRE FREGONEZI
é psicóloga (CRP 08/0404), psicanalista atuando na clínica com crianças, adolescentes e adultos; atua em instituições públicas de saúde (CISAM e CAPSi) na secretaria de saúde de Maringá.

Com sua experiência profissional, e recente vivência de estudos na França, como percebes as intervenções na infância?

Essas intervenções tem um caráter de urgência, pois a contemporaneidade tem sido marcada por um crescente sofrimento psíquico, que apesar de todas as promessas farmacológicas, não tem sido resolvido. Uma proposta atual com grande número de pesquisas e trabalhos clínicos voltados para esses tempos constituintes, como o próprio termo diz, é um tempo de construção, portanto de intervenções possíveis que abrem caminhos que são para além do paradigma do desenvolvimento, respeitando o que é singular da história de cada sujeito. Reconheço que a psicanálise num trabalho interdisciplinar tem mantido um diálogo com outros campos do saber, não deixando de considerar inclusive a neurociência, ao articular questões complexas das neurociências com estudos de Freud e outros pesquisadores a propósito do estudo da memória para demonstrar a preponderância do funcionamento do simbólico no bebê e o papel da neuroplasticidade no campo da intervenção precoce. Na infância não tem nada decidido, mas hoje é comum os diagnósticos precoces e sua medicalização, limita-se ao sintoma, desconsiderando-se o que determina esse sintoma, esse sofrimento. Em se tratando de prevenção, quando falamos do atendimento na infância, a intervenção precoce, o atendimento com essa nova postura, deve voltar sua atenção já no tempo da gestação. É preventivo no sentido de escutar a mãe nesse momento de muitas ansiedades e inseguranças. Um cuidado para com essa mãe, que é para além do pré-natal e seus atendimentos específicos, pois cabe a ela acolher e ser a referência do bebê. Um tempo onde já pode ser levantado alguns sinais de como o bebê está sendo representado para ela. Eu tive a oportunidade de em 1999 ir a um congresso de psicanálise no Rio de Janeiro e assistir um trabalho da Marie-Christine Laznik (psicanalista franco-brasileira, que desenvolve pesquisas sobre psicanálise e autismo). Nessa oportunidade ela apresentou um dos trabalhos que realizou junto aos pediatras de Paris, capacitando-os em detectar sinais de dificuldades na relação mãe-bebê. Sustentando sua argumentação na importância desses primeiros tempos constituintes do apare-

lho psíquico em que os investimentos amoroso nos cuidados com o bebê são fundamentais e determinantes para a vida psíquica dele porque não dizer para sua "saúde mental".

Quais os meios possíveis de realizar essas intervenções, considerando a realidade do Brasil, ponderada à da França?

No Brasil, em especial no CAPSi (Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil) a maioria das crianças já vem com diagnóstico fechado, conforme aponta o DSM- IV (Manual de Doenças Mentais) que tem uma série de nomenclaturas diagnósticas que determinam um tratamento em saúde mental. Contudo, ao ouvir a história da criança ao convidar os pais e/ou responsáveis para entrevistas, será possível um "diagnóstico". Essa história, muitas vezes revela que já no seu início, por exemplo, havia uma preocupação ou um medo dos pais, que fez uma marca no bebê (nasceu prematuro, sofrimento na gestação, etc). Ou pode ter algo que os pais trazem da história deles que afetou de alguma forma a chegada dessa criança (morte na família, doença, perdas); e em muitas destas histórias ao serem contadas se revelam as angústias da mãe e/ou do pai. Portanto, na medida em que os pais são escutados, eles próprios se dão conta de suas dificuldades e, ao oferecer um espaço onde eles possam falar do sofrimento de seu filho e dos seus próprios, possibilita uma separação em que estes se colocam como pai e mãe responsáveis pelo filho, na diferença necessária para libertar a criança de se engessar no sofrimento que muitas vezes pode ser de seus pais.

Existem sinais e sintomas que evidenciam a necessidade de um atendimento especializado? Quais seriam?

A escuta psicanalítica propõe para além do sintoma, um ocupar-se de sensibilizar aqueles que estão em torno dos cuidados com a gestante, o bebê, a criança, obstetras, pediatras. A gente pode alertar os pais que há algo para além daquilo que eles vêm buscar "Eu não sei o que fazer com o meu bebê que só chora o dia inteiro" angústias como essa, de uma mãe, ela buscará suprir num pediatra, numa enfermeira. "Meu bebê chora muito, me deixa angustiada, minha mãe já dizia que eu não seria uma boa mãe..." Nesses casos

uma orientação atenta e cuidadosa por parte do profissional da saúde pode ser suficiente. O atendimento clínico com bebês é justificado quando os pais se sentem insuficientes diante da insônia persistentes de seus bebês, doenças recorrentes, dificuldades na amamentação e alimentar, um sofrimento que se instalou de modo que todos os recursos médicos já não dão resultados.

Havendo uma identificação, onde os pais podem encontrar auxílio?

A clínica psicanalítica com bebês propõe esse espaço aos pais que se sentem em dificuldades com seu bebê. Pode-se pensar numa intervenção de cuidado precoce e preventivo, para um aspecto mais humano de construção que exige isso. O acolhimento que a mãe oferece ao bebê é seu referencial de mundo e garantia de existência, portanto cabe ao pai o lugar daquele que muito mais que ajudar a mãe nas rotinas que um bebê exige, seja aquele que acalme a mãe dando-lhe segurança para que ela possa exercer sua função, sendo uma "mãe suficiente boa". Vale dizer, condições para promoção de saúde mental.

Considerando a medicalização, participei da Jornada "Quem tem medo do DSM-V", realizada em Paris no dia 12 de outubro deste ano. Essa Jornada teve como objetivo promover um debate sobre a recente publicação do DSM-V sendo um dos apoiadores a Associação Lacaniana Internacional. A última publicação do Manual de Doenças Mentais provocou resistência maciça na França, países anglo-saxões e no próprio Estados Unidos, considerando que esse último manual parece ir contra até mesmo a psiquiatria, quando já nem mais considera a doença mental, mas se sustenta no biologismo considerando a doença como erros do cérebro. Foi um debate muito interessante e esclarecedor, considerando que parece haver uma proposta de discussão, onde existe aqueles que, advertidos, não se alienam no 'admirável mundo fast', e se propõem a uma reflexão quando nos propomos a parar e falar sobre qualquer assunto, estamos humanizando o nosso trabalho, quando nos propomos a sentar e conversar sobre o assunto, vamos ouvir isso, então isso da uma boa perspectiva de que vamos ter mais saúde mental e menos doença.

Casa e Escritório
móveis e acessórios



Luiz Octávio Periotto
(44) 9986-2967
otavio@casaeescritorio.com.br

Av. XV de Novembro, 1046
Maringá - Paraná - 87013-230
Fone (44) 3305-1800
www.casaeescritorio.com.br



Maringá
Fone: 3025-2300

Mandaguari
Fone: 3233-6400

wpdobrasil@wpdobrasil.com.br



EDUARDO CHIERRITO DE ARRUDA é estudante do 3º ano Psicologia da Unicesumar e membro do JPF.

A “CONSCIÊNCIA DE SI” E O ALTRUÍSMO

Considero extraordinária a vida de determinadas pessoas que, ao conhecer sua essência, ao aproximar-se do autoconhecimento, da “consciência de si” ou da própria individuação apresentam um altruísmo coerente. Pessoas que por sua vez deixam o individualismo e lutam por ideias profundas. Em tempos de fim de ano, diversos sentimentos de desapego aparecem, entre eles, as emoções de se fazer doações, de ser solidário, ou ao menos essas ideias estão presentes nas mensagens de filmes, séries ou desenhos e, também em discursos religiosos ou políticos.

Cito como exemplo Zilda Arns, que abandonou uma carreira médica “individual”, para uma vida médica de doação e, por fim entrega da própria existência em defesa às crianças. Em um de seus discursos ela destaca: “...Cremos que esta transformação social exige um investimento máximo de esforços para o desenvolvimento integral das crianças. Este desenvolvimento começa quando a criança se encontra ainda no ventre sagrado da sua mãe. As crianças, quando estão bem cuidadas, são sementes de paz e esperança. Não existe ser humano mais perfeito, mais justo, mais solidário e sem preconceitos que as crianças”.

É justamente no altruísmo que o homem experimenta que o seu ser é digno de veneração, aqui podemos contemplar a coragem de viver e de se fazer doação (BOROS, 1973). A experiência de saborear a própria existência, esse prazer em viver resulta em um nível de respeito, não cabendo a si o há uma busca de que todos vivenciem dignamente essa vida. C.G. Jung afirma que quanto mais o conhecimento penetra na essência do psiquismo, maior se torna a convicção de que a multiplicidade de estratificações e as variedades do ser humano requerem uma variedade de pontos de vista e métodos para que essas disposições sejam

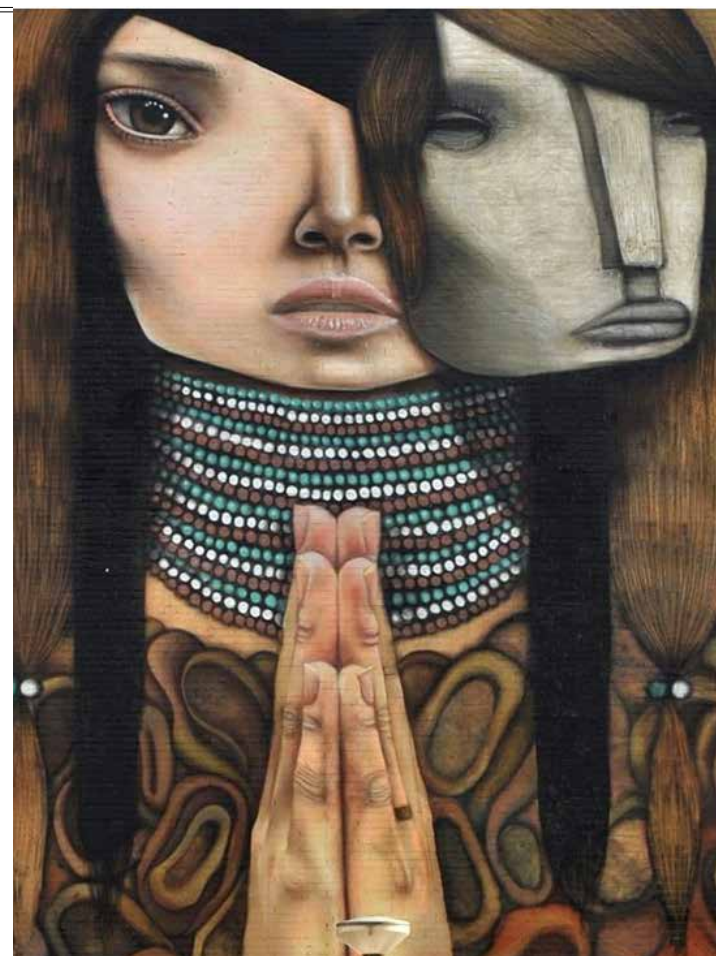


Zilda Arns

satisfeitas. A partir do momento em que a consciência é mais significativa, as preocupações com os que estão ao redor, ora invisíveis a muitos, passam a ser cada vez mais frequentes, a “consciência de si” origina no homem uma visão global renovada e bela da vida. As diferentes formas de altruísmo são representadas geralmente em matérias grandes, como o exemplo de Zilda Arns, no entanto vale constatar a simples ação coerente já basta e possivelmente agirá em grandes proporções.

Ebrahim (2001) em seus estudos destaca de acordo com Francis (1997) que os indivíduos mais estáveis emocionalmente são aqueles que mantêm um bom conceito de si próprios que parece indicar uma relação entre elevada maturidade, estabilidade emocional e uma visão pessoal positiva. Ebrahim também diz da similaridade de dados nas pesquisas de Perez SanGregorio, Roldan, Cabezas e Roldan (1993) e os de Jha (1995) que evidenciam uma ligação entre estabilidade emocional, autoestima e o altruísmo.

Carl Gustav Jung (1875-1961) em sua obra A Prática da Psicoterapia (2011) afirma



que o poder da imaginação, da sua capacidade criativa, liberta o homem do “só isso” em sua existência. O altruísmo não é pura doação, segundo Seidl-de-Moura (2010) é uma constante reciprocidade, e assim é mantido. Não apenas ideológico, mas adaptativo, a autora explica que em um estudo com morcegos que se alimentam de sangue, ao buscarem seu alimento regurgitam para companheiros mais fracos, incapazes de se alimentarem sozinhos. No fim, isso traz benefícios para o altruísta e não apenas ao sujeito mais fraco.

Essa doação altruísta está muito ligada ao sacrifício de si mesmo, esse sacrifício só é possível perante o deixar aquilo que é meu. Dessa maneira diante do doar-se está o significado de que uma consciência capaz de

se conhecer realmente, concomitantemente somos conscientes de nossas pretensões, afirma Jung em sua obra O Símbolo da transformação na missa (2011).

Jung afirma que o homem só se realiza através do conhecimento e aceitação do inconsciente. Aparentemente simples, agrego as palavras do criador da psicologia analítica “O que é simples, em geral é sempre mais difícil” de fato a simplicidade é dita como a arte suprema e, assim a aceitação de si mesmo é por sua vez a essência de todo comportamento moral e concepção do mundo. Mundo este que o ser consciente é capaz de agir com seu eu altruísta.

**Imagem disponível em: <http://jetrofagundes.blogspot.com.br>*



Fernanda Quaglia Franzini

Psicóloga Clínica

CRP: 08/18666

Crianças, Adolescentes e Adultos

44 9167-8360

fernandaqfranzini@gmail.com



Maysa Reis
Psicologia Clínica

Hellen Maysa Reis Almeida
Psicóloga Clínica
CRP 08/18679

Cel. |44| 9976-0490
maysareis@outlook.com

Av. Tiradentes nº1008 - Centro Comercial Paraná
Sala 1703 - 17º Andar - CEP 87013-260 - Maringá - PR

O CIÚME PATOLÓGICO EM UMA PERSPECTIVA GESTÁLTICA



JÉSSICA DEMITI é estudante do 5º ano de Psicologia, pós graduanda em Gestalt-terapia e membro do JPF.

O ciúme é uma emoção humana extremamente comum, senão universal. Não é uma experiência contemporânea, ao contrário, é um sentimento antigo, atemporal, que atravessa diferentes épocas e contextos, sofrendo mutações.

O sentimento em questão seria um conjunto de pensamentos, emoções e ações, desencadeado por alguma ameaça à estabilidade ou qualidade de um relacionamento íntimo valorizado. O indivíduo evoca sentimentos como raiva, tristeza, inveja, medo, culpa, preocupação com a autoimagem, ansiedade, insegurança, desejo de vingança, entre outros. Esses sentimentos podem vir, muitas vezes, acometidos de reações físicas como, taquicardia, falta de ar, sudorese, boca seca, tremor, etc. Contudo, se for transitório, específico e baseado em fatos reais, é considerado normal, onde qualquer um pode sentir dependendo das circunstâncias.

Em Gestalt-terapia o ciúme será sempre tomado em sua singularidade existencial. Isso quer dizer que embora mantendo certa regularidade de uma pessoa para a outra, o ciúme será sempre o ciúme de alguémem particular, ou seja, como ele é significado e vivido por cada indivíduo. Porém, não se pode desconsiderar aspectos sociais, culturais e históricos que também constituem esse sentimento.

O ciúme que abordarei para tal reflexão é o chamado ciúme patológico ou, utilizando-se da visão da abordagem gestáltica, o ciúme de caráter rígido, estereotipado, independente do contexto. Portanto, uma circunstância é sentir ciúme quando se sabe que seu parceiro(a) se interessou ou se envolveu com outra pessoa, outra bem distinta é sentir ciúme independentemente de qualquer sinal consistente do outro. Neste caso os motivos ou sinais são fantasiados pelo indivíduo de maneira quase desvinculada com a situação, embora estejam totalmente vinculados com as suas necessidades orgânicas e com a forma (estereotipada e repetitiva) pela qual bus-

ca, criativamente, atendê-las.

O ciumento sabe que, provavelmente, suas desconfianças são fantasiosas e, mesmo sabendo disso, não consegue deixar de senti-las. Ele é comumente caracterizado como aquele que deu costas à razão. Frequentemente utiliza os mecanismos de evitação de contato da confluência e projeção, podendo utilizar outros também, dependendo da situação. Na confluência, o indivíduo torna-se dependente do outro, de modo a não distinguir mais o que é seu e o que é do outro, a diferenciação das necessidades de cada um ficam comprometidas. Na projeção a pessoa faz hipóteses baseadas em suas próprias fantasias, mas não consegue reconhecê-las apenas como hipóteses. Também se recusa a admitir que tais suposições originam-se nele mesmo. Ao invés disso, dá-lhes uma existência objetiva fora de si de modo a responsabilizar os outros por seus próprios problemas.

O que constantemente aparece no ciúme patológico é um grande desejo de controle total sobre os sentimentos e comportamentos do outro. Há ainda preocupações excessivas sobre relacionamentos anteriores, as quais podem ocorrer como pensamentos repetitivos, imagens intrusivas e rumações sem fim sobre fatos passados e seus detalhes. Na maioria das vezes são pessoas extremamente sensíveis, vulneráveis e muito desconfiadas, com autoestima muito baixa e tendo como defesa um comportamento impulsivo, egoísta e agressivo.

Na perspectiva gestáltica, é quando se instala a repetição e a rigidez que começa a se configurar a doença. Ou seja, o indivíduo cria ajustamentos criativos que num primeiro momento foram funcionais, mas que ao se tornarem rígidos, tornam-se disfuncionais, porém foi à maneira que a pessoa encontrou para sobreviver. O importante é entender não somente o "porquê" do indivíduo ter se tornado ciumento, mas principalmente, o "como" isso acontece, "para quê" acontece e se mantém no presente.

SOBRE A ADOLESCÊNCIA



CLÁUDIA YAÍSA GONÇALVES DA SILVA é Psicóloga Clínica (CRP 06/111120), Especialista em Psicanálise Teoria e Clínica e escreve para o site claudia-yaisa.webnode.com.

Na adolescência acontecem as conhecidas mudanças biológicas com reflexos visíveis no corpo do indivíduo. Nos meninos crescimento dos pêlos, engrossamento da voz, aumento da estatura, espinhas, espermarca; e nas meninas crescimento dos seios, aumento do quadril, aumento de pêlos, de estatura, menarca. Porém, modificações psicológicas e sociais também se fazem presentes nesse período. Erikson (1971, pp.242) define a adolescência enquanto "uma etapa psicossocial entre a infância e a idade adulta, entre a moral aprendida pela criança e a ética a ser desenvolvida no adulto".

Nessa fase são observáveis grupinhos de adolescentes partilhando alguma característica em comum, por vezes isso acontece devido à necessidade de uma superidentificação temporária de uns com os outros, até a evidente perda de identidade em função dos heróis dos grupos, justamente pela identidade do adolescente estar em processo de estruturação; "estão sempre dispostos a instituir ídolos e ideais duradouros como guardiães de uma identidade final". (Erikson, 1971, pp. 240)

Outro aspecto característico dessa etapa é a aproximação com os grupos de seu interesse e ao mesmo tempo a exclusão daqueles considerados destoantes pelo motivo que seja (raça, classe social, gosto, vestuário, religião, etc.). Em certos casos essa situação de exclusão, apesar de não dever ser incentivada, pode mostrar-se como uma defesa que ataca o conflito interno do adolescente com relação a seu sentimento de identidade ainda não totalmente formado. Dessa forma, verifica-se nos grupinhos de adolescentes a proteção e encobertamento entre si, além dos estereótipos dos seus ideais e dos que são inimigos.

O próprio amor adolescente é um caminho delineado para se alcançar uma identidade própria por meio da "projeção de uma imagem difusa da própria pessoa numa outra, vendo-a assim refletida e gradualmente aclarada" (Erikson, 1972, pp. 133). Desse modo, pode-se compreender o motivo que leva muitos namoros adolescentes se limitarem à conversação e diálogo, como em uma busca na outra pessoa por aspectos particulares, próprios do indivíduo, daquilo que o define.

Nessa busca por identificações, observa-se o adolescente obtendo experiências providas de outras pessoas, construindo ligações com aqueles que não o abandonará nesse processo de constituição da identidade. O adolescente não se conforma com o papel preestabelecido a si pelos adultos, ao mesmo tempo em que não sabe no que se tornará e o que esperar da vida, mas quer trilhar seu próprio caminho.

A confusão de identidade próprio da adolescência, quando referida a um dilema de cunho sexual, étnico ou aliada a uma desesperança do indivíduo frente a não conseguir definir-se, pode suscitar episódios com características delinquentes. Sentindo-se incapaz de assumir os papéis sociais impostos, não é raro o jovem que se ausenta de uma ou outra forma, deixa a escola, passa a noite fora de casa, abandona o emprego, recolhe-se em si mesmo de forma a se distanciar dos outros. Observa-se que tal adolescente pode ficar fadado à estigmatização de parte da sociedade, caso esteja envolto por juízos sociais que desconheçam ou desprezem as condições específicas e dinâmicas dessa etapa do desenvolvimento.

Dr. Cleto Rocha Pombo Fº
medico-psiquiatra-psicoterapeuta
CRM 19276

Av. Tiradentes, 1081
Centro Vascular João Belczak

44 3225-4965

Maringá - PR

Especialista em Psicoterapia USP-SP

Neila Paula da Silva
Psicóloga
CRP 08/10172

curta nossa página
www.psicologahereditaria.com.br

Rua Néo Alves Martins, 2999 | Sala 118
Edifício Marquêsini Tradé Center
Maringá | Paraná
87013-070

☎ | 44 | 3227.9266
☎ | 44 | 9972.6301
neilapaulasilva@hotmail.com

Nesse sentido, pode ocorrer do adolescente se identificar com um grupo em que um representante se coloca como provocador da sociedade, de forma que o próprio adolescente não aprovaria tal atitude em si, mas se identifica com o desvio de conduta do outro buscando se auto afirmar. Tais experiências adolescentes giram em torno da inconstância dessa etapa da vida e principalmente pela ameaça sentida pelos jovens quanto à perda da própria identidade, a qual está sendo construída.

Em decorrência disso, Winnicott (1989) afirma que o adolescente saudável é imaturo e irresponsável, pois está em processo de estruturação e afirmação de si. "A imaturidade é uma parte preciosa da adolescência. Ela contém as características mais fascinantes do pensamento criativo, sentimentos novos e desconhecidos, idéias para um modo de vida diferente" (pp. 126). Mas a imaturidade não está presente todo o tempo, com o passar dos anos e a proximidade da fase adulta, espera-se que se alcance a maturidade tão almejada e cobrada pelos adultos, sem atropelos, sem pular etapas, pois ao contrário desembocaria em adolescentes com falsa maturidade.

Acima de tudo não se pode esquecer que a etapa da adolescência é um período complicado e de constantes mudanças para o indivíduo, sendo em certos casos vivenciada com angústia e ansiedade. Precisa-se deixar o corpo, os pais e a vida infantil para trás, elaborar esse luto e se deparar com o surgimento de um corpo adulto, com responsabilidades, dúvidas e incertezas que antes não faziam parte da vida do adolescente. Por esse motivo, os adultos precisam conhecer o que se passa na vida desses jovens, acompanhá-los em seu desenvolvimento, cobrando responsabilidades, mas também permitindo que avancem rumo às suas próprias escolhas.



Renan Miguel é estudante do 4º ano de Psicologia da UNICESUMAR.

RUMOR E FOFOCA: QUAIS AS CONTINGÊNCIAS VERBAIS ENVOLVIDAS?

O rumor é algo recorrente em nossa cultura. Vizinhos falando sobre sua vida, você falando sobre a vida dos seus vizinhos. Seus vizinhos e você comentando a vida de alguém que nem conhecem, seja sob controle de encobertos, seja sob controle textual de uma revista como as «Titis» da vida, como acontece com as ditas celebridades das tão bem chamadas «revistas de fofoca».

Programas de TV como da apresentadora Sônia Abraão, onde a vida de pessoas públicas são escancaradas e, também, programas específicos como o do apresentador João Klebber onde pessoas anônimas são convidadas a revelarem segredos íntimos para pessoas que lhe são importantes em rede nacional, de modo que não só a plateia participa, mas todos aqueles que ligarem a TV no horário que o programa está sendo exibido.

O mesmo acontece com o programa «Casos de Família». Todos os brasileiros que estiverem sintonizados naquele canal estarão comentando a vida de pessoas anônimas, que nunca tinham visto antes e não têm nem ideia de como foi a vida de quem se presta a tal exibição (ora bolas, os próprios apresentadores que são pessoas -ditas- TÃO importantes se dão a esse luxo! Se eles podem, por que não nós, «meros mortais»?!).

A questão é: por que falamos de terceiros e, por que é tão reforçador tanto para falante como para ouvinte falar de terceiros?

Para entendermos esse princípio, creio que temos que recorrer ao que Skinner explana sobre comportamento ecoico. Esse é um dos operantes verbais apontados pelo autor no Verbal Behavior (1957), que está entre o mando, o tato, o comportamento textual e o comportamento intraverbal. Estes dois últimos e o comportamento em questão (ecoico) têm uma característica peculiar que os difere dos demais: eles estão sob controle de uma variável também verbal.

O comportamento ecoico pode ser exemplificado claramente quando vemos um professor, numa escola qualquer, pedindo para que os alunos repitam uma palavra, por exemplo, CASA, e os alunos ecoam: casa.

Através desse exemplo, vemos a principal propriedade do comportamento ecoico: ele um operante que apresenta correspondência ponto-a-ponto entre um estímulo verbal vocal e uma resposta verbal vocal. (Também existe um tipo especial de comportamento ecoico, chamado comportamento auto-ecoico, onde o falante repete o que ele mesmo diz, mas não se faz pertinente nesse texto aprofundarmos nesse subtipo específico).



Geralmente, o comportamento ecoico é instalado e mantido no repertório de alguém por meio daquilo que Skinner (1957) chama de reforçamento educacional. Entretanto, o comportamento ecoico pode ser reforçado mesmo quando o falante não está sendo explicitamente educado. Por exemplo, uma pessoa pode ser reforçada quando repete alguma coisa para uma terceira pessoa (ou seja, ela faz parte de uma audiência que possivelmente tem interesse naquilo que está sendo verbalizado, além de estar sob controle de um estímulo verbal vocal anterior e, nesse caso, ecoando a resposta vocal para outrem). E, uma vez que essa terceira pessoa é um ouvinte, ela tem o poder de reforçar o comportamento do falante (Skinner, 1957/1990).

Skinner (1957) também aponta que há várias fontes indiretas de reforçamento para o comportamento ecoico. Por exemplo, um sujeito é reforçado por ecoar verbalizações emitidas por outros numa conversa porque essas verbalizações são mais prováveis de serem partes efetivas do repertório verbal de quem está ouvindo. E isso é claramente visto em nosso cotidiano: no colégio, ecoamos respostas verbais que são ofensivas a um determinado sujeito para ouvintes cujos quais também têm tal sujeito como aversivo em seu ambiente. Por outro lado, ecoamos elogios àqueles que também sintam empatia ou se interessam pelo sujeito em questão. Também podemos simplesmente ecoar notícias que irão «chocar» a audiência, apenas porque têm essa função.

O rumor, introdutoriamente, pode ser explicado pelos princípios do comportamento verbal ecoico. Já a fofoca propriamente dita, envolve o comportamento intraverbal, pois emitimos respostas que não são correspondentes ponto-a-ponto com estímulos verbais antecedentes. «Fulana está grávida e fará exame de DNA para comprovar a paternidade da criança» pode ser repetida1 como «Fulana está grávida, você acredita?! E ela é tão «danadinha» que nem sabe quem é o pai!».

Entretanto, ainda assim, fofocar em nossa cultura é valorizado porque é possivelmente reforçado com o choque das pessoas, a atenção que elas nos dão enquanto fofocamos e também a possível subordinação daquele que é vítima da fofoca e, com isso, sua função é mantida com dada força no repertório do indivíduo, por ser membro de uma classe de comportamento de ordem superior (Catania, 1999). Como Skinner (1953/1965) aponta, uma pessoa é generalizadamente reforçada quando a outra se submete a seu poder ou quando simplesmente recebe atenção e aprovação social.

REFERÊNCIAS

- Erikson, E. H. (1971). Oito Idades do Homem. In Infância e Sociedade. Rio de Janeiro: Zahar.
- Erikson, E. H. (1972). O Ciclo Vital: Epigênese da Identidade. In Identidade, Juventude e Crise. Rio de Janeiro: Zahar.
- Winnicott, D. W. (1989). A Família. In Tudo começa em casa. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (2005). Adolescência. In A família e o desenvolvimento individual. São Paulo: Martins Fontes.



ANUNCIE CONOSCO E APRESENTE SUA MARCA PARA: + DE 20 MIL PESSOAS DIRETAS E INDIRETAMENTE

3 mil cópias do jornal + 10 mil maillings com a sua marca sendo divulgada para a macro região de Maringá/Londrina e pela internet para todo o Brasil. Anuncie no jornal especializado que mais vem crescendo no PARANÁ - torne-se um parceiro nosso e conheça nossos planos de publicidade para jornal e eventos



SAMARA MEGUME RODRIGUES é Psicóloga Clínica (CRP 08/18324), colaboradora e idealizadora da Roda de Psicanálise – <http://www.rodadepsicanalise.com.br/>

EROS E TÂNATOS: VIDA E MORTE EM PSICANÁLISE



Roda de Psicanálise
teoria, clínica e cultura

Amor e ódio, sexualidade e agressividade, vida e morte, são forças que habitam o ser humano e estão presentes no cotidiano, tanto nos conflitos mais banais quanto nos mais mórbidos ou sublimes da humanidade. Tais pares de opostos estão misturados, amalgamados em tudo que o ser humano faz, pensa e sente. Por exemplo, onde há amor deve haver ódio, toda sexualidade necessita de um grau de agressividade, em proporções variadas. Essas polaridades são os cerne dos conflitos psíquicos. Em psicanálise, elas podem ser nomeadas pelos conceitos de pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Tânatos).

A mitologia apresenta uma bela metáfora para compreendermos a amálgama entre as pulsões. No mito grego, Eros (cupido na mitologia romana) é o deus do amor e Tânatos, deus da morte. Eros, o mais belo dos deuses, possui arco e flecha com os quais costuma enlaçar de amor homens, mulheres e deuses. Segundo consta na mitologia, certo dia Eros adormeceu numa caverna, embriagado por Hipno (deus do sono, irmão de Tânatos). Ao sonhar e relaxar suas flechas se espalharam pela caverna, misturando-se às flechas da morte. Ao acordar, Eros sabia quantas flechas possuía. Recolheu-as, e sem querer levou algumas que pertenciam a Tânatos (Esopo, Grécia Antiga in Meltzer, 1984). Sendo assim, Eros passou a portar flechas de amor e morte (Tanatos).

Na psicanálise o conceito de pulsão não é nada simples, visto que é uma abstração teórica necessária, que busca romper com a dicotomia mente e corpo. A pulsão seria um conceito limítrofe entre o somático e o psíquico. Algo que impele o organismo a agir em determinada direção. Diferentemen-

te do instinto animal, a pulsão possui uma plasticidade em relação ao seu objeto. Além de um objeto (Objekt), a pulsão se caracterizaria por possuir uma pressão (Drang), por uma meta (Ziel) e uma fonte (Quelle) (Freud, 1915), sendo uma representação psíquica complexa. Posteriormente Freud (1920) irá ampliar tal compreensão, passando a definir a pulsão como algo anterior a representação psíquica das estimulações somáticas, que visa o rebaixamento completo das tensões e por isso, algo que conduziria o organismo ao estado anterior à vida, ao inorgânico.

Ao longo de sua obra Freud constrói dois dualismos pulsionais. O primeiro, introduzidos e desenvolvidos a partir de 1910, refere-se aos pares: pulsões do eu (autoconservação, que tem a fome e a sede como protótipos) e pulsões sexuais (não apenas as de meta sexual, mas os inibidos, derivados e sublimados). Esse primeiro dualismo foi resumido por Freud (1920, 1930) pela fórmula Eros e Ananke (necessidade). O amor e a fome seriam o motor da existência humana e da humanidade.

A partir de 1920 Freud constrói um novo dualismo pulsional. As pulsões do eu (autoconservação) e sexuais passam a integrar o mesmo grupo pulsional, sendo representadas por Eros – a Pulsão de vida. Eros teria a função de amalgamar partículas fragmentadas da substância viva e criar unidades cada vez mais complexas, buscando preservar o organismo vivo e a espécie.

Fundamentado em estudos da biologia Freud (1920) constrói a hipótese da pulsão de morte (Todestrieb), que teria como representante o sadismo. Ela anuncia a tendência fundamental de todo ser vivo de retornar ao estado inorgânico, a busca

pelaredução completa das tensões. Segundo Freud (1920) o “objetivo da vida é a morte, e remontando ao passado: o inanimado já existia antes do vivo” (p.161). Voltada para o interior à pulsão de morte se expressa na autodestruição, e para o exterior se manifesta como pulsão de destruição.

Freud (1923) escreve cada grupo de pulsões corresponderia a um processo fisiológico específico. A pulsão de vida teria processos de construção e a pulsão de morte, de demolição, sendo que em toda matéria viva esses dois processos estariam atuantes. Em outras palavras, a pulsão de vida teria um funcionamento conjuntivo, agregando as substâncias vivas e criando unidades cada vez maiores, ela seria ligação. Já a pulsão de morte teria um funcionamento disjuntivo, desfazendo o que foi construído, desligando. (Freud, 1925). Nesse sentido, Garcia-Roza (1995) irá afirmar que tal dualismo não se refere à natureza da pulsão, mas como um dualismo de modos de pulsão: “se a pulsão se faz presente no aparato anímico promovendo uniões, conjunções, ela é tida como de “vida”; se ela se presentifica no aparato anímico disjuntivamente, “fazendo furo”, então é tida como de morte” (Garcia-Roza, 1995, p.162).

Eros promove a ligação entre o sujeito com os elementos necessários a sua preservação. Também liga esse sujeito a suas vivências. Ligação entre seu passado e seu futuro. Ele possibilita a criação de sentidos. Cria, enfim, os laços entre os sujeitos e desses com o mundo. No entanto, a pulsão de vida não atua de forma isolada. Por isso a existência no ser humano de uma ambivalência em tudo que ele pensa, faz e sente. Amalgamada a Eros a pulsão de morte age de forma silenciosa. É



Roda de Psicanálise
teoria, clínica e cultura

Isabelle Maurutto Schoffen
(CRP-08/17708) - 91186069

Samara Megume Rodrigues
(CRP-08/18324) - 99383542

<http://www.rodadepsicanalise.com.br/>

Av. São Paulo, 1061, Aspen Park Trade Center, sala 1305



José Henrique Bronze Dias

Contato: (44) 9973-3905
(44) 3031 2280

Av. Cerro Azul, 735, Zona 02 | Maringá - PR

o que Freud (1930) define como o mal-estar intrínseco a cultura: a destrutividade do ser humano, voltada para si mesmo ou para os outros -esse algo que existe e que foge a norma e a criação de sentidos. Como escreve Dostoiévski(1971), tememos o fato de que secretamente sabemos da existência de um demônio oculto, que habita todo homem.

A vida é o conflito, se mostra, faz barulho. Já a morte é taci-turna, quase invisível. Quando Freud (1920) constrói a hipótese da pulsão de morte ele amplia conceito de pulsão, que passa a ser compreendido como um impulso inerente à vida, algo anterior à sexualidade, anterior a representação psíquica, algo que não é visível, nem dizível.

A pulsão de morte está para além do princípio do prazer, além do aparelho psíquico e só se mostra quando amalgamada a pulsão de vida. Tânatos entendido como pulsão de destruição é pura dispersão, potência dispersa. Por isso Freud (1920) irá afirmar que ela é uma pulsão por excelência. A pulsão de vida seria algo já capturado pelo psíquico, cujo objetivo também seria conduzir o organismo a morte, mas a própria morte – preservando a vida para que ela morra ao seu próprio modo. (Freud, 1920)

Trabalhando para Eros, a pulsão de morte pode ser intensamente criativa. Como escreve Garcia-Roza (1995) a partir do desarranjo causado pela pulsão de morte é que se pode em busca do diferente, do novo. A nossa agressividade pode e deve ser utilizada em prol da vida. Nossos desligamentos podem nos fazer crescer. É preciso que conheçamos esse “demônio oculto” e o coloquemos para trabalhar a nosso favor.

As definições do conceito de pulsão e das teorias pulsionais que apresentei estão muito longe de fazerem juz à complexidade do conceito e suas implicações. O próprio Freud (1920) escreve que ainda há muito a que se descobrir sobre as vicissitudes do que está para além do princípio do prazer. Mas é sempre preciso colocar um ponto final, cessar algumas ligações, dando espaço a novas formações.... Talvez seja por isso que Rubem Alves (1990) escreveu certa vez que o ser humano possui um ar de despedida em tudo que faz. Como ele escreve, “as pequenas despedidas apenas acordam em nós a consciência de que a vida é uma despedida”. Saber da nossa finitude, bem como da finitude de todas as coisas nos enlaça aquilo que realmente interessa. Flechas de Tânatos e flechas de Eros nos atravessam a todo instante e como também escreve Rubem Alves (1990), ter consciência esses instantes nos possibilita fruir “da beleza única do momento que nunca mais será...” (p.11).



RICARDO

JONES é médico ginecologista, homeopata e obstetra (CRM-RS 14502); faz parte do colegiado nacional da ReHuNa - Rede pela Humanização do Parto e Nascimento; autor de diversas publicações nacionais e internacionais e dos livros “Memórias do Homem de Vidro - Reminiscências de um Obstetra Humanista” e “Entre as Orelhas - Histórias de Parto”; palestrante sobre a temática da humanização do nascimento no Brasil e no exterior. Trabalha em Porto Alegre – RS.

ESCOLHAS E RECUSA

As mulheres devem ser livres para tomar decisões informadas relativas ao modo de parto, mesmo correndo o risco de fazerem escolhas tolas, em todos os sentidos – psicológico, emocional, físico, bacteriológico e espiritual – como é a escolha pela cesariana. Todavia, ainda prefiro erros que surgem na liberdade aos acertos que emergem da tirania. Eu ainda prefiro ver mulheres com liberdade para escolher, mesmo estando submersas em informações equivocadas, cheias de preconceitos e desorientadas a respeito dos riscos e benefícios da cesariana. Isso, apesar de ser triste e duro de aceitar, ainda é melhor que a tutela e a supressão da liberdade de escolha.

Não cabe a mim julgar os valores daqueles que se tratam, mas apenas zelar para que eles tenham o melhor atendimento possível dentro do seu universo de crenças e valores.

Tal discussão é deveras complexa, e que em muito extrapola a prática da Medicina, mas tem a ver com algo MUITO mais profundo que é a ÉTICA, na qual a própria medicina se fundamenta e embasa, assim como muitas outras artes humanas. Por isso afirmo que nossas ações não podem se sobrepor aos desejos livremente expressos dos pacientes, por mais justas e coerentes que estas sejam. Médicos não estão acima do bem e do mal, e não podemos nos colocar na posição de “reguladores da vida e da moral”. Mesmo que uma atitude dramática – como deixar de usar um medicamento ou procedimento potencialmente salvador – possa nos ferir e entristecer, ainda assim creio que o paciente não pode ter sua liberdade e autonomia solapadas por valores externos a si. Já senti na pele este tipo de dilema ardente e corrosivo, mas ainda assim prefiro a estrada longa e tortuosa da busca pela liberdade.

Robbie Davis-Floyd dizia que “A humanização do nascimento não pode se tornar a Gestapo do parto normal”. É isso o que eu defendo: liberdade para as escolhas, mesmo para aquelas que se mostram equivocadas e prejudiciais. Não acredito na repressão como projeto pedagógico de longo prazo e prefiro o lento aprimoramento através da conscientização, pois que esta leva o indivíduo no rumo da liberdade, enquanto a outra o aprisiona na dependência e na tutela.

Mas e quanto aos “direitos do nascituro”, perguntarão alguns. Pois eu afirmo que se arguirmos em nome do “feto” então o “Estado” (ou a Igreja) assaltarão o corpo da mulher e a privarão da liberdade sobre ele (como sempre o fizeram ao longo da história). Com este tipo de argumento é que se realizaram cesarianas por demanda judicial, com mulheres algemadas por ordem de um juiz, e em nome do “bem estar do feto”, de acordo com visões parciais de alguns “peritos” que nada mais estavam fazendo do que impondo seus preconceitos e visões parciais da realidade sobre o direito de uma mulher de dispor do próprio corpo.

Garantir direitos é tarefa árdua e pressupõe um especial amadurecimento da sociedade. Se bem que o caminho é longo também é verdade que essa trilha é essencial. Não há caminho que não seja em direção à liberdade, pois que ela é nossa meta última.



NECPAR

Núcleo de Educação Continuada do Paraná

Cursos de pós-graduação e extensão em:

PSICOLOGIA e NUTRIÇÃO

INFORMAÇÕES: (44) 3031 7182

marketing@necpar.com.br | www.necpar.com.br



Clínica de Psicologia

Psicoterapia Comportamental Cognitiva
e Análise de Comportamento
Psicoterapia Junguiana

Rosana Maria Monteiro Campigotto

Psicóloga - CRP 08/09940

rosana_campigotto@yahoo.com.br

Cel: (44) 9914-2556

Adolescentes e adultos

Rua Rene Tácola, 859
Mandaguari-PR | Centro
Fone (44) 3233-3125

Av. Paraná, 503
Sobrelaja | Sala 04
Maringá | Centro
Fone (44) 3028-5376



KAREN PRISCILA PIETROWSK
é estudante do 4º ano de Psicologia da UEM.

ANÁLISE DO FILME “UM NOVO DESPERTAR”

“Um Novo Despertar” (“The Beaver” - EUA, 2011) é um drama escrito por Kyle Killen, dirigido por Jodie Foster, com Mel Gibson, Jodie Foster, Riley Thomas Stewart, Anton Yelchin, Cherry Jones e Jennifer Lawrence no elenco. Traz a história de Walter (Mel Gibson) – homem de meia idade, depressivo, um pai e marido ausente, presidente de uma fábrica de brinquedos herdada do seu pai, – e sua família, Meredith (Jodie Foster) a esposa que se refugiou em seu trabalho para fugir dos problemas do marido, Porter (Anton Yelchin) o filho adolescente que tinha horror em se tornar alguém como o pai, e que para isso catalogava qualquer similaridade que os ligasse e as colava na parede tentando evitá-las uma a uma. Henry (Riley Thomas Stewart) o filho mais novo que queria se tornar invisível em vez de ignorado pelo pai e que, segundo o narrador do filme, virou o que os professores chamam de “solitário”.

Na interação familiar é possível observar que Meredith, Porter e Henry apresentam, durante todo o filme, comportamentos de fuga-esquiva em relação a Walter. No âmbito de uma perspectiva Analítico Comportamental, os comportamentos de fuga-esquiva são mantidos por reforçamento negativo, ou seja, decorrem de uma relação na qual um organismo em particular remove ou impede a ocorrência de um estímulo aversivo, sendo que para os membros da família retratada no filme os principais estímulos aversivos são os comportamentos de Walter.

O protagonista sofre de depressão, um padrão comportamental decorrente da interação que uma pessoa tem com o seu ambiente, na qual o indivíduo perde reforçadores e/ou não consegue discriminar quando esses ocorrem. As interações que um indivíduo tem com o ambiente são múltiplas, assim como suas funções, logo, cada classe de comportamentos depressivos ocorre em um contexto específico. Presume-se que a depressão de Walter está relacionada à perda de reforçadores tanto em seu ambiente familiar quanto no profissional. Skinner (2006, p. 53) esclarece “Quando não há mais reforço, o comportamento se extingue e raramente, ou nunca mais, aparece”.

Walter já tentara tudo para voltar a ser o homem apaixonado pela esposa, que liderava sua família supostamente perfeita e presidia com sucesso uma empresa de sua propriedade, mas não obtivera nenhum sucesso,

acaba por emitir um novo comportamento, de expressar-se através de um fantoche de pelúcia, o Castor.

Walter adquire um comportamento alucinatório de falar com o Castor. Segundo Staats & Staats (1973), o comportamento alucinatório é um comportamento verbal inapropriado, um comportamento verbal não adaptativo que substitui o comportamento verbal normal. De acordo com o mesmo autor o comportamento inapropriado surge quando o comportamento normal está fraco, isto é, não é reforçado. Walter não tinha mais seu comportamento verbal reforçado, as pessoas não mais o reforçavam, porém o Castor aparece e passa a falar com Walter e o leva a ter novos comportamentos, “demolir o antigo Walter e construir um novo”. Walter passa a se comunicar através do fantoche e descobre novos reforçadores em sua vida tendo como ponto de partida as dicas do Castor. Cosoante (NÃO ENTENDI ESSA PALAVRA) Lundin (1972) quando colocada em uma situação de frustração, onde os reforçadores estão bloqueados ou retirados, uma pessoa normal, com repertório adequado de comportamentos, descobriu alguma solução alternativa, usando alguma resposta anteriormente adquirida. Da mesma forma, quando colocada em uma situação de conflito, uma pessoa normal tenta resolver seu conflito ou escapar dele.

Na fantasia de Walter, o Castor enfrenta os estímulos aversivos de seu cotidiano, além de resgatar os reforçadores positivos. Estas duas atribuições de Walter ao Castor geram uma dependência cada vez maior sendo que o primeiro se torna incapaz de se comunicar sem a intermediação do segundo e, assim, aos poucos, o Castor assume total controle das situações vividas por Walter. Embora, inicialmente, essa situação pareça atraente, na continuidade Walter começa a ter dificuldades em lidar com essa condição, pois não consegue ter controle sobre si próprio. Esse controle sobre si próprio é denominado de autocontrole, a qual Skinner (1953, p. 230) afirma “Com frequência o indivíduo passa a controlar parte de seu próprio comportamento quando uma resposta tem consequências que provocam conflitos – quando leva tanto a reforçamento positivo quanto a negativo”.



um novo DESPERTAR

No momento em que Walter percebe que esta sob o controle do Castor e que os reforços sociais não se apresentam mais para ele e sim para o Castor, Walter e o fantoche entram em um conflito alucinatório, proporcionando uma briga, na qual o próprio protagonista se machuca como se fosse o Castor que tivesse o batido. O Castor é tão real para Walter que este acaba amputando a própria mão para que o Castor deixe de existir.

REFERÊNCIAS

- Lundin, R. W. (1972). Personalidade: uma análise do comportamento (Trad. R. R. Kerbauy e L. O. S. Queiroz). São Paulo: Herder. (trabalho original publicado em 1961).
- Skinner, B. F. (1967). Ciência e comportamento humano (J. C. Todorov & R. Azzi, Trans.). Brasília: Universidade de Brasília. (Trabalho original publicado em 1953).
- Skinner, B. F. (2006). Sobre o Behaviorismo (trad. M. P. Villalobos, S. Paulo: Editora Cultrix. (trabalho original publicado em 1974).
- Staats, A. W. & Staats, C. K. (1973). Comportamento Humano Complexo: Uma extensão sistemática dos princípios da aprendizagem (Trad. organizada por C. M. Bori). São Paulo: EPU e Edusp. (Trabalho original publicado em 1966).

**PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO DA
COMUNICAÇÃO - PDC**

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL
- COMUNICAÇÃO VERBAL LINGÜÍSTICA
- COMUNICAÇÃO VERBAL PARALINGÜÍSTICA
- ASPECTOS GLOBAIS DA COMUNICAÇÃO

INSTRUTORES:

FGA. MARIA LUÍSA ZAPATA LEONEL
FGA. SUELEN COSTA PAULO
FGA. HELOÍSA V. BRUNO
PROFESSOR ANTONIO LEONEL
PROFESSOR PEDRO ZUMAS

INSTITUTO **VOZ**

INFORMAÇÕES:
(44) 3031-5056

institutovoz@institutovoz.com.br
www.institutovoz.com.br

GRAVETOS DE ESPERANÇAS QUE PERMEIAM O FINAL DO ANO

Vindouras da primavera, do verão, do natal, focada no ano a se iniciar, que é presenteado com planos, propostas, expectativas de um balanço pelo que aconteceu e aquilo que ficou no planejamento. Há um revigorar da esperança.

Esperança esta que permeia um movimento de entrega, de repensar e de atitudes cheias de boas intenções, de um olhar amoroso, com compaixão, de um lugar que promete resolver problemas, amenizar as dores e eliminar as angústias. Chegando com promessa de alívio, de eliminar todas as tensões e de preencher aquilo que é faltante. Um fácil e prazeroso movimento da vida, que coloca a humanidade em ações, atuações e passagens ao ato frente um desamparo a princípio ignorado.

É sabido que muitos são os movimentos que impelem tais atitudes. Mas seria então essa fascinante e sedutora proposta de felicidade, de oportunidades que envolve, cativa e engoda os humanos? Bom, é possível pensar em uma posição inerente a todos.

Ante um desamparo inicial, a dificuldade em encarar o sofrimento, a angústia própria do viver em sociedade é percebida como algo demasiadamente ruim e ne-

gativo. Há um engano que seduz e leva a escolhas fáceis, com pouco, ou nenhum comprometimento. Assumir-se como dono do desejo torna-se pesado demais e é mais fácil não se assumir neste lugar, continuar submetendo-se ao prazer inces-

sante. Prazer esse sem limites, inserindo o sujeito a uma sujeição desse imperativo do gozo, resultando em sintomas. No entanto muitos se enganam, alguns adiam e outros que iniciaram a psicoterapia abandonam o processo que estava caminhando para uma evolução, pois não percebem que estão deixando de reconhecer o que tem acontecido, encontrando um escape, uma fuga, na crença de uma autonomia, fundamentada na constância do prazer. O que evidencia a dificuldade humana em lidar com sintomas, com questões incômodas, antes ignoradas, despercebidas.

Importante então evidenciar, que esse movimento característico do final do ano impele uma idealização, às vezes necessária, mas nem sempre saudável. Vale atentar para uma acurada percepção da realidade, de sintomas e das reais contribuições desse ideal.

O QUE EXPLICA O SUCESSO DE SESSÃO DE TERAPIA

A série Sessão de Terapia em exibição no GNT é uma adaptação da série israelense "Be Tipul" de Hagai Levi que é um sucesso de audiência em 30 países. A versão brasileira teve sua 1ª temporada em 2012 e a repercussão positiva foi imediata, sendo que mais de 9 milhões de pessoas assistiram o dia a dia do terapeuta Theo (interpretado por Zé Carlos Machado).

O sucesso foi tamanho que recentemente teve início a 2ª temporada da série com 35 episódios. Em entrevista recente ao Estado de São Paulo, Selton Mello, o diretor de Sessão de Terapia atribui a genialidade da série (que é exibida de segunda a sexta) às sextas-feiras, quando o terapeuta Theo visita a sua supervisora Dora (Selma Egrei) e mostra ao espectador a fragilidade do terapeuta, levando-os a entender o que ele pensa a respeito dos seus pacientes e modificando o olhar dirigido às sessões seguintes, tornando-os "cúmplices do terapeuta".

Certamente este é um dos méritos de Sessão de Terapia, afinal todo analisando carrega consigo a curiosidade: o que se passa no íntimo dos analistas? Será que eles são de carne e osso? Ao

mostrar que Theo sente medo, raiva e culpa (o tripé de todo neurótico), a série humaniza e desmistifica a figura do terapeuta. No entanto, creio que os méritos da série não param por aí. A escolha dos pacientes que contracenam com Theo foi pensada cuidadosamente, sendo que na nova temporada são retratados quatro casos, a saber:

Carol (segundas-feiras), 25 anos, estudante que descobre um câncer (linfoma), mas resiste em falar sobre isso com alguém.

Otávio (terças-feiras), 70 anos, empresário, acionista de uma empresa química, sofre ataques de pânico e sente a perda do controle quando sua filha parte para uma comunidade hippie.

Paula (quartas-feiras), 41 anos, advogada bem-sucedida, mas sem filhos, entra em crise ao saber que seus óvulos estão envelhecendo.

Daniel (quintas-feiras), 10 anos, filho de Ana e João que foram pacientes de Theo na 1ª temporada e se separam, obeso e vítima do ambiente de discussões dos pais.

Assuntos como câncer, pânico, pessoas bem-sucedidas profissionalmente (mas infelizes na vida pessoal), obesidade, divórcios, entre outros



estão cada vez mais presentes em nossas vidas e ao trazê-los à tona (ou seria melhor à tela), Sessão de Terapia alcança pessoas de diversas faixas, levando-os muitas vezes a se identificar com as personagens e seus dramas pessoais.

Cabe aqui ressaltar que Sessão de Terapia também tem seus deslizes, em especial do ponto de vista da técnica (uma supervisão mais atenta de um analista seria recomendável à série), mas é inegável que seu sucesso e alcance devem ser observados e nos dizem muito sobre nosso tempo. Por falar em tempo, peço licença a vocês, estou indo assistir Sessão de Terapia.



MAYARA MATHEUS COUTINHO é psicóloga (CRP 08/18729) e doula, atuando em grupos com gestantes e psicologia clínica.

VINÍCIUS ROMAGNOLLI R. GOMES é psicólogo (08/16521), historiador e coordenador do JPF.

Avenida Colombo, nº 5790 | UEM | Bloco A
Sala 03 | CEP 87020-900 | Maringá-PR

Fone: (44) 3011-5199

www.psiqueej.com.br



Paulo Henrique Ribeiro
(44) 9931 1307

www.topassessoria.com
(44) 3024-2212 | 3024-2213 (fax)
Av. São Paulo, 172 - Sala 909 - 9º andar
CEP 87013-040 | Maringá - PR



LÍVIA BATISTA PEREIRA LARRANHAGA é psicóloga (CRP 08/13426)

O NOVO EM TRANSFORMAÇÃO

O final do ano nem precisa chegar para percebermos que ele já está aí. Basta sair às ruas e observar a cidade decorada, o comércio em ebulição, as prateleiras dos supermercados repletas de panetones e o papai noel distribuindo balas e desejando Feliz Natal. São símbolos que anunciam a chegada de um evento. Eles sempre são os mesmos, mas provocam a esperança de que algo novo acontecerá no ano que está por vir. Natal e Ano Novo remetem a coisas novas. Nascimento e novidade normalmente geram alegria. É a vida se reciclando. E a reciclagem só acontece a partir daquilo que existe. “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma.” É a famosa lei de Lavoisier. A expectativa que se cria diante do final do ano é da ordem de um novo totalmente diferente do antigo. Deve ser por isso que tantas pessoas se frustram quando o ano seguinte se inicia e aquela novidade que elas tanto esperavam não acontece. Elas esperam por criação e não por transformação.

Antigamente, estudiosos acreditavam na teoria da abiogênese, também conhecida como a teoria da geração espontânea, mas há muito tempo, ela foi descartada pela ciência pois consistia na suposição de que organismos mais complexos não se originavam apenas de seus progenitores, mas de qualquer ser inanimado. De forma bem simples e talvez até exagerada, é como se um ser humano pudesse ser gerado a partir de uma rocha.

Às vezes, tenho a impressão que nossas expectativas frente ao novo ano são da ordem da teoria da abiogênese, da geração espontânea e não da transformação. Transformar implica em utilizar o que se tem para chegar a algo que ainda não se tem. Esperar por transformação no ano que se aproxima, talvez, nos ajude a sermos mais realistas em relação às nossas metas. Isso porque diante de meia dúzia de ovos na geladeira, é possível transformá-los em uma omelete. No entanto, é impossível esperar que eles virem uma lasanha.

Dessa forma, na transformação eu aproveito os recursos que estão disponíveis.

Além disso, quando há transformação, não há perda de recursos. Afinal, na natureza nada se perde.

Muitas vezes deseja-se fazer uma lasanha, mas só existem ovos. Diante de metas idealizadas, corre-se o risco de jogar no lixo os ovos que se tem por esperar que eles se transformem naquilo que eles não podem ser.

É de autoria de Nietzsche a frase: “Torna-te quem tu és”. Transformar-se no que somos é respeitar e usufruir da nossa essência e recursos e a partir disso nos transformarmos não em outra pessoa, mas em retornar ao que somos.

O maior desafio diante de um ano que se inicia não é formular e cumprir as metas que estabelecemos, mas abandonar a expectativa de que o novo surja de forma espontânea. Afinal, a natureza da qual fazemos parte insiste em nos dizer que a transformação é o que a mantém viva.

AÇÃO SOCIAL



A Associação e Fraternidade São Francisco de Assis na Providência de Deus é uma entidade filantrópica cristã a serviço da vida, que tem como missão repetir o abraço de São Francisco de Assis no leproso de hoje - ou seja, acolher aqueles que o mundo rejeita.

A entidade administra 51 obras sociais, entre casas de recuperação para dependentes químicos, hospitais gerais, hospitais-lares para portadores de múltiplas deficiências, hospitais geriátricos, albergues, casa de acolhimento de doentes, restaurantes populares e projetos educacionais. As obras estão espalhadas pelos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Goiás. Todos os dias, atendem gratuitamente mais de 15 mil pessoas em suas unidades.

A Associação e Fraternidade São Francisco de Assis na Providência é também mantenedora de uma missão no Haiti, país mais pobre das Américas. Lá, todo o serviço é pago. Por isso, a maioria da população não

tem acesso à saúde e educação. Falta tudo, especialmente alimento. O projeto, lá desenvolvido, tem três frentes principais de atuação: educação, saúde e nutrição. Em sua estrutura, conta com um ambulatório médico que atende gratuitamente a população e distribui os medicamentos, uma escola infantil e um projeto de recreação e educação que atende 400 crianças todos os sábados. Todas as pessoas que passam pela associação recebem alimentação. Mensalmente, as famílias mais pobres da região recebem também uma cesta básica.

Todo o trabalho desenvolvido, tanto no Brasil como no Haiti, é gratuito. Por isso, a entidade depende de doações para continuar desenvolvendo seu trabalho. Mais informações podem ser obtidas pelo site www.franciscanosnaprovidencia.org.br, pelo facebook - Associação e Fraternidade São Francisco de Assis na Providência de Deus ou pelo telefone (17) 3283-9070.

Ψ Ariana Krause
psicóloga - CRP 08/17743

📍 Especialista Clínica de Orientação Psicanalítica
📍 Aspen Park Trade Center - 15º andar - sala 1503
📍 Av. São Paulo, 1061 - 87013-040 - Maringá - PR
✉️ contato@arianakrause.com.br
🌐 www.arianakrause.com.br
☎️ (44) 9835-6109



Mayara Matheus Coutinho
Doula e Psicóloga - CRP 08/18729
9922-9928 / 3346-1097

maternati

may_mmc@hotmail.com - www.maternati.com.br



Oficina do Saber



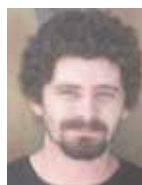
VIDA QUE TE QUERO VIVA

EDUARDO CHIERRITO DE ARRUDA é estudante do 3º ano Psicologia da Unicesumar e membro do JPF.

Aconteceu nos dias 25 e 26 de outubro o 4º Seminário Junguiano de Maringá, com o tema “Vida que te quero viva”, organizado pelo Prometheus - Instituto Junguiano e colaboradores. Com uma incrível sintonia o seminário teve como palestrantes a psicóloga Cristina Albuquerque, o médico Sidney Senhorini, o professor Fernando Albuquerque e o subtenente do corpo de bombeiros Arivaldo Marques Godinho. Acompanhado de músicas especialmente selecionadas pelo grupo “Prometheus in concert” entre intervalos e recomeços das apresentações durante todo o evento.

Entre as palestras, músicas, imagens e exposições apresentadas, um convite à uma nova consciência, a consciência reflexiva. A humanidade que já conhece a consciência intelectual filosófica é chamada a um novo passo, de fazer a vida ser viva, um plano de experiência direta, e esta é a consciência cósmica, já presente no movimento evolutivo do homem de diferentes formas, uma delas a Grande Gaia conforme citou Cristina em sua fala final. Assim existe um convite para a vida e sua compreensão cósmica, concluindo que a natureza e nós somos um. A grande teia planetária citada pelo cacique Seattle, diz que cada ser é um fio único nesta existência, o nosso agir não se remete apenas a nós, mas a todos que compõem esta teia de vida, não apenas homens, mas o próprio planeta.

Cristina Albuquerque em suas falas, citando a física quântica, mitologia e psicologia analítica propõe um movimento para todos os participantes, distante de ações extraordinárias, mas sim de ações coerentes, novas atitudes frente à relação com o nosso planeta, sair da inércia, deste caráter de conservação, que é bom até certo ponto, para um caráter de transformação.



OFICINA DE OUTUBRO

RODRIGO GONÇALVES CORRÊA, estudante do 4º ano de Psicologia da UEM e membro do JPF.

A Oficina do Saber de outubro teve como tema A filosofia da existência de Sartre e suas contribuições à Psicologia, mediado pela palestrante Sílvia Mara Pires de Freitas. Seu objetivo principal foi introduzir o público nos principais conceitos desenvolvidos por Sartre, de forma a lhes aguçar interesse. Contextualizou as obras do autor com a época e os locais onde escreveu e ao fim nos conduziu pelo imbricado e fascinante caminho desenvolvido por Sartre na filosofia do século XX.

“A existência precede a essência”, eis a máxima que sintetiza em grande parte o pensamento de Sartre. Mas o que podemos entender de uma frase tão concisa e densa como essa? A princípio, que se trata de uma definição do homem. Se essência é aquilo que define o ser, então o ser do homem se define após a existência, durante a existência, ou ainda, que antes de existir, não há nada que defina o homem. Sartre nos dá um exemplo da

diferença entre o ser do homem e as demais coisas do mundo ilustrado na figura dum corta-papel: antes de existir, foi preciso que alguém o projetasse, concebesse a ideia de algo que objetivasse essa função, nesse caso, cortar papel. Antes da existência do corta-papel, houve a ideia e o projeto do corta-papel, projeto esse que o define. A essência do corta-papel o precede e toda sua existência estará condicionada a esse propósito essencial, cortar papel. Nós, por outro lado, seres humanos, não temos nenhuma predeterminação existencial que nos condicione a um ou outro projeto. Existimos apenas, de forma gratuita. Sofremos as necessidades do corpo e as contingências do mundo, porém, as inúmeras escolhas que faremos, serão feitas na mais profunda solidão. Assim definiremos nosso ser, no desamparo de uma realidade de indeterminação. Se não há nenhum propósito prévio que defina a condição humana, não há também nenhuma trilha pré-determinada a se seguir. Só há a liberdade, nos obrigando a escolher aquilo que faremos de nós.

Em outras palavras, se a existência precede a essência, então, estamos condenados à liberdade.



OFICINA DE NOVEMBRO

ARIANA P. KRAUSE PIRES é Psicóloga Clínica e Escolar (CRP 08/17743), Especialista em Psicanálise Teoria e Clínica, escreve para o site arianakrause.com.br e é membro do JPF.

Não por acaso, mas propositalmente nossa Oficina do Saber de novembro tratou do tema “O acaso em nossas vidas: sincronicidade na obra de Jung”, sendo ministrada pela psicóloga Maria Cristina Recco (CRP 08/01453).

Para a palestrante chegar aos conceitos de causalidade de Jung, ela percorreu o caminho dos filósofos precursores desse conceito. A começar por Einstein com a teoria da relatividade baseado na matemática para explicar a sincronicidade; Aristóteles e o princípio da causalidade; Avicena com conceitos sobre a força do afeto na modificação da alma; Pierre Janet em como os conteúdos inconscientes irrompem e provocam mudanças; Laozi e o “tao” significando unicidade; Filon de Alexandria e os conceitos de macro e microcosmos; Hipócrates e as forças divinas difundidas nas coisas; Gottfried Wilhelm Leibniz e a harmonia entre os

acontecimentos psíquicos e físicos; e Wolfgang Pauli com a cientificidade da sincronicidade.

Após abordar os conceitos de cada pensador, ela explicou que Jung se baseou neles para chegar à sua teoria da contiguidade em que as coincidências diárias e os acasos significativos são fenômenos da sincronicidade. Segundo ela, Jung definiu sincronicidade como o assunto mais complexo de sua obra a qual corresponde a uma sequência de eventos que contém características em comum. De modo a facilitar a explanação do conceito de Jung, Recco utilizou-se do exemplo do escaravelho dourado, citado por ele próprio quando atendia uma paciente que já havia passado por outros três terapeutas, e durante uma sessão, relatou um sonho com um escaravelho de ouro. Após ter relatado seu sonho, um bichinho bateu na janela pelo lado de fora ficou se debatendo até que Jung o pegou e entregou à sua paciente: era um escaravelho dourado. Ao vê-lo, ela começou a chorar e se permitiu analisar. Desse modo foi possível compreender como os fenômenos da sincronicidade afetam nossos afetos.



DICA DE FILME

O ASSASSINATO DE JESSE JAMES PELO COVARDE ROBERT FORD



LUIZ ANTÔNIO LAZARIN TRENTINALHA
é graduado em Letras, pós graduado em Artes, estudante do 1º ano de Psicologia da Unicesumar e membro do JPF

Quando no próprio título do filme o autor coloca os nomes de um dos mais célebres fora-da-lei de todos os tempos, Jesse James (talvez abaixo apenas de Robin Hood) e do pistoleiro que o matou, a história por si se conta e nem por isso deixa de ser tão intrigante. Além de nos dizer quem mata e quem morre no embate final, o título nos da boa ideia de como isso acontece, então o que mais poderia ser interessante em um filme de Western? Jesse James

(Brad Pitt) é líder de um bando de ladrões que atormenta os bancos e trens do Velho Oeste, mais temido do que admirado por seus seguidores, James carrega dentro deles o famigerado e petulante Bob Ford (Casey Affleck, irmão do futuro Batman). Ford conhece cada caso verdadeiro ou fictício das aventuras de Jesse James, o venera, segue cada um de seus passos, se veste como James, e de maneira débil e assustadora tenta copiar os seus movimentos, suas expressões e até mesmo suas frases. Os encontros de James e Ford em cena são de dar calafrios. "Será agora?" se pensa a cada diálogo. Cada cena vem carregada de culpa, olhos turvos e conversa desencontrada, por hora se toma o filme por um thriller psicológico daqueles de deixar a boca seca. Nada decanos fumegantes oucavalgadas ao pôr do sol.

Quando Jesse já não tem mais em quem confiar, e se vê encurralado pelo governo e por traidores que o delataram e abandonaram, é em Bob, supostamente seu melhor amigo que ele procura abrigo. E a tamanha foi traição que teve de ser eternizada na epitáfio do contagiante fora-da-lei, supostamente escolhida por sua esposa; "em memória de meu marido, homem dócil e corajoso, que foi assassinado pelas costas por um covarde cujo nome não é digno de se mencionar".



VINÍCIUS ROMAGNOLLI R. GOMES
é psicólogo (08/16521), historiador e coordenador do JPF.

DICA DE LIVRO

O SUPLÍCIO DO PAPAI NOEL

24 de dezembro de 1951, Dijon, França. Diante de crianças de um orfanato, um grupo de padres promovem o suplício de um boneco de Papai Noel: com grande estrondo, enforcam e queimam o velhinho bonachão. Desde o final da Segunda Guerra, Papai Noel e a troca de presentes ganhavam enorme espaço no país, onde tradicionalmente celebrava-se somente o nascimento de Cristo. O antropólogo Claude Lévi-Strauss (1908 - 2009) tomou o episódio de Dijon, clímax desse debate

nacional, como ponto de partida para um ensaio brilhante em torno dos significados do Natal. Para o autor a figura do Papai Noel tem uma matriz arcaica, mas atualizada no Ocidente moderno; sua figura "exprime uma disposição afetiva que já existia, só não dispunha de meios de expressão". Além disso, o autor nos mostra uma variedade de personagens de função análoga ao do Papai Noel, passando por reis romanos, demônios velhinhos de narrativas escandinavas antigas e retomando figuras como a do velho Saturno devorador de criancinhas. Todas "alinham-se como imagens simétricas do bom velhinho Noel", distribuidor de presentes a crianças.

O antropólogo mostra que o caráter etário do Papai Noel engendra ritos de passagem e de iniciação, lembrando a adultos e crianças os fundamentos de sua sociedade. Ao final, escreve Lévi-Strauss, "não se trata de justificar as razões pelas quais as crianças gostam de Papai Noel, e sim as razões pelas quais os adultos o inventaram". Ao tempo em que as crianças acreditam no Papai Noel, elas "nos ajudam a acreditar na vida". Por fim o autor considera que um dos grandes paradoxos do episódio de Dijon foi que, pretendendo acabar com Papai Noel, os eclesiásticos não tenham feito mais do que restaurar em sua plenitude, uma figura cuja perenidade, a pretexto de destruí-la, coube justamente a eles demonstrar.



Renata Cury
maquiagem + definitiva

fone [44] 3233-4124
celular [44] 9826-8194

rua interventor manuel ribas nº 340 A - mandaguari
email xrenataxcury@gmail.com



INTEGRAÇÃO

Psicologia & Desenvolvimento de Pessoas

Aspen Trade Center - Av. São Paulo, 1061 - sala 1321 - Maringá - PR

PÓS-GRADUAÇÃO EM NEUROPSICOLOGIA: AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO

Coordenação: Ms. Maria Estela Martins Silva

Conteúdo programático:

Introdução à Neuropsicologia 1: Histórico e Princípios em neuropsicologia
Introdução à Neuropsicologia 2: Princípios de avaliação, comportamentos indicativos de patologia cerebral
As Funções Neuropsicológicas 1: Abstração e conceituação
As Funções Neuropsicológicas 2: Linguagem, memória e habilidades acadêmicas
As Funções Neuropsicológicas 3: Funções Motoras e Executivas
Bases Anatômicas
Bases Fisiológicas
Interface Teoria Comportamental & neuropsicologia
Psicofarmacologia
Neuroimagem
Técnicas de Avaliação Neuropsicológica: Crianças
Técnicas de avaliação Neuropsicológica: Adultos e Idosos
Intervenção em Neuropsicologia: Síndromes Genéticas da Infância
Reabilitação em Neuropsicologia 1: TDAH, Epilepsia, Apraxias
Reabilitação em Neuropsicologia 2: AVC, TCE e Demências
Atendimento supervisionado
Tópicos Especiais em Neuropsicologia
Seminários em Neuropsicologia
Metodologia da Pesquisa 1 e 2

Edifício Aspen Park Trade Center
Avenida São Paulo, 1061, Sala 509
Maringá-PR | (44) 3031 7182



INSCRIÇÕES ABERTAS!
www.necpar.com.br

Faça sua inscrição no site: www.necpar.com.br

Coordenação: Ms. Helen Messias da Silva Guzmán

NECPAR promove a 2ª turma do 1º curso lato sensu em Gestalt-Terapia lançada no Paraná!

DOCENTES:

Dr. Adriano Holanda Furtado – Curitiba-PR
Ms. Andrea Berger – Londrina –PR
Dr. Ênio de Brito Pinto – São Paulo-SP
Ms. Hugo Elídio Rodrigues – Rio de Janeiro-RJ
Dr. Karina Okajima Fukumitsu – São Paulo-SP
Esp. Lika Queiroz - Bahia-BA
Esp. Luciana Rosa - Santa Catarina-SC
Ms. Roberto Peres Veras – São Paulo-SP
Ms. Silvia Iwancho – São Paulo-SP

Edifício Aspen Park Trade Center
Avenida São Paulo, 1061, Sala 509
Maringá-PR | (44) 3031 7182



INSCRIÇÕES ABERTAS!
Aula inaugural dia 28 de março de 2014,
com a docente Lika Queiroz da Bahia-BA

**2ª turma do
1º curso lato sensu**
Gestalt-Terapia lançada no Paraná.



REVIVER

MARIA CRISTINA RECCO

ESPECIALISTA EM **CRP 08/1453**
PSICOLOGIA ANALÍTICA

RUA NEO ALVES MARTINS, 3876, SALA 72

1. "Estudos sobre estrutura e análise dos sonhos, dentro da perspectiva da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung"
2. "Estudos sobre o processo de individuação como processo de desenvolvimento total da personalidade, segundo Carl Gustav"

Para os grupos de estudos serão fornecidos certificados, mediante desenvolvimento e apresentação de monografia.

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES NO **CENTRO DE
ESTUDOS ANALÍTICO E PSICOTERAPIA REVIVER.**

Contato (44) **3028 4828** em Maringá - Paraná.
e-mail: crisrecco@gmail.com



A Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá vem se consolidando como um espaço para psicólogos, médicos e outros profissionais, que desejam continuar com seus estudos enfocando o desenvolvimento do pensamento clínico e a técnica correspondente.

Com uma proposta pedagógica inovadora, onde cada aula começa com um caso clínico, a EPPM tem como objetivo promover uma eficiente integração entre teoria e prática clínica.

Curso de Especialização:

Psicoterapia Psicanalítica Contemporânea - Turma 2014.

Público: Psicólogos, Médicos e Acadêmicos de Psicologia.

Início: 15/03/2014. **Duração:** 24 meses.

Horário: Aulas quinzenais aos sábados das 08:00 às 17:30.

Investimento: 24 x R\$ 490,00.

Benefícios aos Alunos da EPPM:

- Supervisões Grupais Mensais.
- Seminários Clínicos.
- Centro de Atendimento.
- Desconto em Cursos e Eventos da EPPM.

As inscrições podem ser feitas na secretaria da EPPM.

Fone: [44] 3227-0252 e-mail: contato@eppm.com.br

Para maiores informações acesse:

www.eppm.com.br



Observamos diariamente as enormes dificuldades que enfrentam os profissionais que trabalham em atendimento de crianças. Muitos fatores concorrem para isso: o lugar das crianças na nossa sociedade, a influência da mídia, avanços da tecnologia, novas configurações de família, elevadas exigências de aprendizagem, patologias do desenvolvimento, etc.

Assim como as outras áreas a psicoterapia psicanalítica com crianças tem também novos desafios. Daí a necessidade de ampliar nossos recursos teórico-técnicos enquanto profissionais. Neste curso estudaremos as contribuições de Klein, Winnicott, Blon, Ferro dentre outros.

Curso de Especialização: Psicoterapia com Crianças - 2014.

Público: Psicólogos, Médicos e Acadêmicos de Psicologia.

Início: 08/03/2014. **Duração:** 24 meses.

Horário: Aulas quinzenais aos sábados das 08:00 às 17:30.

Investimento: 24 x R\$ 490,00.



Programação dos Cursos do Centro de Formação Continuada da EPPM, para o primeiro semestre de 2014.

1-Curso: Sonhos na Psicoterapia Psicanalítica.

2-Curso: O Amor e Suas Vicissitudes.

3-Curso: Psicoterapia Breve Com Orientação Psicanalítica.

Pacote de Cursos 1+2*: Sonhos na Psicoterapia Psicanalítica + O Amor e Suas Vicissitudes.

Pacote de Cursos 1+2+3*: Sonhos na Psicoterapia Psicanalítica + O Amor e Suas Vicissitudes + Psicoterapia Breve Com Orientação Psicanalítica.

Curso: Sonhos na Psicoterapia Psicanalítica.

Docente: Profª. Antônio Gonçalves Ferreira Junior. **CRP 08/15752**

Público: Acadêmicos e Profissionais de Psicologia e Medicina.

Início: 15/04/2014. **Duração:** 3 aulas mensais. **Carga Horária:** 12 horas.

Datas das Aulas: 15/04, 27/05 e 24/06.

Horário: Aulas às terças-feiras das 19:00 às 23:00.

Local: Palácio do Comércio - Rua Neo Alves Martins nº 2789 - Centro - Maringá

PROGRAMA DO CURSO:

Transmissão e reflexão sobre a história, métodos e técnicas de interpretação dos sonhos até o marco teórico da psicanálise freudiana. Tal percurso objetiva fundamentalmente instrumentalizar os alunos para o manejo da interpretação dos sonhos na sessão de psicoterapia.

Curso: O Amor e Suas Vicissitudes.

Docente: Profª. Ms. Antônio Gonçalves Ferreira Junior. **CRP 08/15752**

Público: Acadêmicos e Profissionais de Psicologia e Medicina.

Início: 01/04/2014. **Duração:** 3 aulas mensais. **Carga Horária:** 16 horas.

Datas das Aulas: 01/04, 13/05 e 10/06.

Horário: Aulas às terças-feiras das 19:00 às 23:00.

Local: Palácio do Comércio - Rua Neo Alves Martins nº 2789 - Centro - Maringá

PROGRAMA DO CURSO: Transmitir e refletir sobre a noção de amor na obra Freudiana, entendendo seu surgimento e transformações, em relação direta com o desenvolvimento teórico-metodológico da Psicanálise. Tal percurso objetiva fundamentalmente possibilitar aos alunos uma compreensão da Psicologia do Amor e seus desdobramentos no campo teórico e prático na teoria freudiana, tais como: O amor na teoria do trauma e da repressão; A balisa da repressão na orientação da vida amorosa; O amor e as vicissitudes dos instintos; O amor sob o enfoque do narcisismo, e o amor transferencial, quanto em consultórios particulares.

Curso: Psicoterapia Breve Com Orientação Psicanalítica.

Docente: Profª. Ms. Sandra Diamante. **CRP 08/05650**

Público: Acadêmicos e Profissionais de Psicologia e Medicina.

Início: 11/03/2014. **Duração:** 10 aulas. **Carga Horária:** 40 horas.

Datas das Aulas: 11/03, 25/03, 08/04, 22/04, 06/05, 20/05, 03/06, 17/06, 01/07 e 15/07.

Horário: Aulas às terças-feiras das 19:00 às 23:00.

Local: Palácio do Comércio - Rua Neo Alves Martins nº 2789 - Centro - Maringá

PROGRAMA DO CURSO:

Estudo da evolução da técnica em seus objetivos e elementos centrais que caracterizam e estruturam a Psicoterapia Breve. O curso visa oferecer as bases teóricas-metodológicas desta modalidade de psicoterapia de modo a instrumentalizar a atuação clínica profissional do aluno para trabalhar tanto em contextos institucionais de saúde quanto em consultórios particulares.

Investimento: R\$ 420,00 (para Profissionais);
R\$ 360,00 (para Acadêmicos);
R\$ 300,00 (para alunos da EPPM).

1

Investimento: R\$ 420,00 (para Profissionais);
R\$ 360,00 (para Acadêmicos);
R\$ 300,00 (para alunos da EPPM).

2

Investimento: R\$ 750,00 (para Profissionais);
R\$ 650,00 (para Acadêmicos);
R\$ 500,00 (para alunos da EPPM).

3

Investimento: R\$ 750,00 (para Profissionais);
R\$ 650,00 (para Acadêmicos);
R\$ 500,00 (para alunos da EPPM).

1+2*

Investimento: R\$ 1300,00 (para Profissionais);
R\$ 1150,00 (para Acadêmicos);
R\$ 1000,00 (para alunos da EPPM).

1+2+3*

As inscrições podem ser feitas na secretaria da EPPM. Fone: [44] 3227-0252 ou através do e-mail: contato@eppm.com.br Para maiores informações e inscrições acesse: www.eppm.com.br

Obs. Os Valores podem ser pagos, em até 3 vezes com cheque pré (entrada/30/60).

A **melhor** Instituição de Ensino Superior privada do **Paraná**
Graduação | Pós-Graduação | Mestrado | Educação a Distância
44 3027.6360 Maringá-PR www.unicesumar.edu.br



